VIANNA DO CASTELLO



A egreja da Misericordia e a casa da Camara

I

Vianna do Castello, celebre na historia contemporanea, nos annaes das nossas discordias civis, pela heroica defensa da fortaleza, de que recebeu em galardão o seu sobrenome e o titulo de cidade, é, talvez, de todas as terras da provincia do Minho a mais agradavel e vantajosamente situada.

Edificada em uma alegre planicie na margem direita do rio Lima, que lhe serve de espelho, o Oceano banha-lhe o vasto campo de Nossa Senhora da Agonia, que a limita pelo occidente. D'est'arte o rio e o mar lhe offerecem variados quadros, e variadissimas vantagens.

Com justa razão tomou por brazão d'armas um navio á vela, pois que do mar lhe veiu a sua prosperidade d'outr'ora, e d'elle lhe virá no futuro, sem duvida, engrandecimento e riqueza.

Quem visitar esta cidade encontrará em cada rua, por assim dizer, um padrão d'aquelles tempos felizes. As muitas casas gothicas que ahi se vêem, algumas n'aquelle estilo brincado de que é typo o mosteiro de Belem, attestam que Vianna foi prospera e rica na epocha del-rei D. Manuel.

E o que foi então, e ainda depois, deveu-o á navegação e ao commercio.

Descobrem as nossas ilhas os enviados do infante D. Henrique; devassa D. Vasco da Gama os mares da India; levanta Pedro Alvares Cabral o véo que occultava o Brasil; eis-que os pobres pescadores da foz do Lima, incitados a maiores emprezas, pelo exemplo d'aquelles nautas, abalançam-se aos altos mares; surgem ora nos archipelagos do Atlantico, ora nas costas d'Africa ou do Brasil; e fundam para a sua patria uma brilhante era de florescencia.

Em breve o porto de Vianna accommoda a custo os navios que o demandam. A villa constitue-se um pequeno emporio dos generos coloniaes, não só para o consumo da provincia, mas de exportação em grande escala para os portos de França, de Flandres, de Inglaterra, de Allemanha, e até para a propria rainha do Adriatico, que fôra durante seculos o primeiro emporio commercial da Europa.

O nosso elegante escriptor frei Luiz de Sousa, na vida do arcebispo D. frei Bartholomeu dos Martyres, descreve o estado de Vianna no anno de 1560 pelo seguinte modo. «Vianna, villa das mais insignes d'este reino, terra cheia de gente rica, e muito nobre, de grande trato e commercio, por uma parte com as conquistas de Portugal, ilhas e terras novas do Brasil; por outra com a França e Flandres, Inglaterra e Allemanha, d'onde e para onde recebia de ordinario muitos generos de mercadorias, e despedia outros; para os quaes tratos traziam os moradores no mar grande numero de naus e caravellas, com grossas despezas, a que respondiam eguaes retornos e proveitos, que tinham a villa florentissima, e em estado de uma nova Lisboa.» N'outro logar acrescenta: «Mas nenhum commercio lhe tem montado tanto como o das terras novas do Brasil, que vae em tamanho crescimento, que ao tempo em que isto escreviamos (1619), traziam no mar setenta navios de toda a sorte, com que a terra está massiça de riqueza, porque se estendem os proveitos a todos, succedendo nos mais dos navios serem armados e marinhagem tudo da mesma terra.»

Diversas causas, em que figuram com maior vulto a oppressão de Castella sobre Portugal, e a obstrucção d'arreias na foz do Lima, pozeram termo áquelle progressivo engrandecimento.

Vianna não só parou em meio do seu desenvolvimento, caiu do esplendor a que chegou. A sua decadencia, porém, não foi longe, porque lhe obstou a sua vantajosa posição geographica. Graças á libertação do solo, ao incremento da industria, e aos recentes melhoramentos materiaes, a cidade de Vianna do Castello vae entrando em novas condições de felicidade.

As magnificas estradas e diligencias que a põem em communicação facil e rapida com as terras mais importantes do paiz, desde Caminha até Lisboa, promettem-lhe inquestionavelmente dias ainda mais venturosos. Porém o seu melhor futuro ha de alvorecer-lhe do lado do Oceano.

Mas é essencial para este grande fim, que não parem os melhoramentos do porto e barra. Para este ponto deviam convergir em esforços communs e energicos as industrias e os capitaes d'aquella cidade, na certeza de que todos os sacrificios lhes serão amplamente recompensados.

O que tem a esperar do mar, dizem-lh'o em alto som a sua egreja matriz, de floreados portaes, e a casa da camara, onde avultam a cruz da ordem de Christo e a esphera armillar, essas gloriosas divisas do *rei afortunado*, que symbolisam o apogeo da grandeza de Portugal. Dizem-lh'o a egreja e hospital da misericordia, fundados pelas mesmas mãos que levantaram o paiz a tamanha altura. Dizem-lh'o finalmente os varios palacios e casas nobres, que revelam nas galas da architectura gothica, com que mais ou menos se adornam, um passado de subida florescencia.

D'esses edificios, que mencionámos, vêem-se dois representados na gravura junta; e são a egreja e hospital da misericordia, e a casa da camara.

Fundou aquelle estabelecimento pio el-rei D. Manuel no principio do seculo XVI. A egreja foi reedificada no anno de 1714. Tem bastante originalidade a sua frontaria. Não conhecemos em o nosso paiz outro modelo, que se lhe assimilhe em gosto d'architectura. Compõe-se de um vestibulo e duas galerias sobrepostas, coroadas por um frontão. O vestibulo é formado por seis arcos, cinco na frente, e um lateral; os cinco sustentados por seis grossas columnas, duas meio embebidas nos cunhaes. Sobre o vestibulo erguem-se as duas ordens de galerias, em cada uma das quaes lhe sustentam a architrave seis cariátides, sendo as duas das extremidades tambem meio embebidas nos cunhaes. Remata a fachada um frontão com as armas reaes, coroado por uma imagem de Christo crucificado, e decorado nos acroterios com duas estatuas. O interior do templo não desmente o frontispicio. As suas capellas são ricas em obra de talha doirada.

A casa da camara foi fundada pelo mesmo tempo que a misericordia, mudando-a para aqui el-rei D. Manuel, do bairro da Ribeira, onde anteriormente se achava. Na fachada, sobre as janellas, estão de uma parte as armas da cidade, da outra a esphera armillar, e no centro o escudo das armas reaes, e a cruz da ordem de Christo, com uma inscripção tirada do foral dado a Vianna por el-rei D. Affonso III. A inscripção commemora, entre outros privilegios, o que determina que em tempo algum o senhorio de Vianna se alienará da coroa, excepto se for em favor da rainha, ou infante. Foi reconstruida a casa da camara no seculo passado.

O campo do *Forno*, onde se erguem estes dois edificios, é uma pequena praça, aformoseada por um elegante chafariz com duas taças, e com um tanque circular, rodeado de grades de ferro. N'esta praça correram-se antigamente toiros por occasião de algumas festas.

I. DE VILHENA BARBOSA.

APONTAMENTOS PARA UMA BIOGRAPHIA

IV

(Conclusão Vid pag. 382)

Visitámos, pela primeira vez, o mosteiro de Nossa Senhora da Conceição das monjas da ordem de Cister, da cidade de Portalegre, em 13 de setembro de 1856; não podia esquecer-nos entrar na cella em que residira D. Eugenia José de Menezes. Conheciamos, já de muito tempo, os seus infortunios; havianol-os referido, na nossa mocidade, a mulher que mais temos amado n'este mundo, cuja memoria nos será eternamente cara,[1] que vivêra em Tavira quando alli estava D. Eugenia.

Quizemos, logo n'essa occasião, recolher todas as noticias, que ainda se conservassem, d'esta illustre reclusa; não lográmos o nosso intento.

Soubemos, mais tarde, que ainda vivia uma senhora quasi octogenaria, respeitavel pela nobreza do seu nascimento, e ainda mais respeitavel por suas virtudes, D. Leonor Maxima de Barros,[2] que fôra amiga intima de D. Eugenia. D'esta senhora, por intervenção de sua sobrinha, D. Maria Anna Macedo Zusarte de Barros Castello-Branco, podémos obter algumas das informações que haviamos sollicitado; transcrevemol-as com o mesmo desalinho e simplicidade de frase com que foram dictadas:

«Menina. Vou satisfazer a tua curiosidade, como podér, porque a minha cabeça esta já para pouco, mas com a condição que não se ha de fallar no meu nome, porque eu nem devo, nem quero figurar em coisa alguma.

«Não has de ignorar, que D. Eugenia José de Menezes, da casa de Marialva, foi desnaturalisada da sua familia, e que era dama do paço, quando teve a sua desgraça. O conde de Cavalleiros, seu pae, dizem, rebentou de paixão. Foi conduzida para o mosteiro de Tavira, onde viveu onze annos. Fallou-se n'esta senhora creiu que em toda a Europa; mas nos dois conventos, onde viveu, só se observaram as suas virtudes. Fez o mal, procurou o remedio. Fez uma confissão geral, e a sua vida foi sempre a mais regular e devota, padecendo no corpo e espirito o que só Deus sabe. As suas criadas observavam ás vezes a força das suas afflicções: mesmo assim tinha muito agrado e affabilidade; amoldava-se ás circunstancias, e talvez para entreter sua filha, comparecia em todas as nossas sociedades, fazendo sempre a parte mais interessante d'ellas. Nunca separou sua filha do seu lado, a quem ella amava muito, e vigiava como devia. O seu director era Fr. Thomé de Castello de Vide, religioso de Santo Antonio.

«Tinha muita caridade, a sua lingua era *benedictá*; muitas vezes me dizia a Francisca: «O menina, esta senhora é um enlevo, sempre dá satisfação ouvil-a, sem retrahir coisa alguma.»

«Em uma palavra, era exemplo de toda a virtude, segundo me parecia; mas não devemos roubar a gloria a Deus, pois todos os bens procedem d'elle, que nós nada temos senão miserias.»

Escrevendo sobre o mesmo assumpto, dizia, n'outra occasião:

«Tratei D. Eugenia nas molestias que aqui teve, uma de cincoenta dias, outra de trinta e tres, de que morreu, tendo de edade quarenta e dois annos, aos 21 de janeiro de 1818.

«Foi aqui sempre a sua vida um continuo padecimento, e as suas doenças por extremo afflictivas, mas soffria-as com paciencia inalteravel.

1 D. Efigenia Victoria Balbina Pereira Pinto Maciel, da cidade de Faro, com quem fui casado vinte e um annos, sete mezes, seis dias e seis horas.

2 Falleceu no dia 13 de Janeiro do corrente anno de 1862.

« Seus continuos actos de paciencia, contrição e humildade, mais me edificavam do que ouvir um bom sermão. No meu conceito é tão digna de ser louvada, quanto foi injuriada publicamente, pela triste quéda em que a fragilidade humana a fez cair.

« Apesar de tantos desgostos e trabalhos, tinha um attractivo que encantava. Eu confesso que a amava tanto, que não sentia em mim valor para a ver morrer; comtudo assisti-lhe até ao ultimo suspiro, que exhalou, clamando: Misericordia!

« Não pude deixar de tomar por prodigio o socego e a paz em que ficou o meu interior, estando eu tão desanimada.

« Creiu que já te disse que viveu n'este mosteiro tres annos e tres mezes. Logo que se apeou, disse: « Cheguei ao logar da minha sepultura. »

E teve-a, effectivamente, no cemiterio da communidade, sob uma campa rasa, tão humilde como a da mais obscura criada!

V

Depois da morte de D. Eugenia José de Menezes, ficou ainda residindo no mosteiro sua filha D. Eugenia Maria de Menezes.

Não podémos determinar a epocha da sua saída d'esta casa; soubemos apenas, que tivera logar depois de 10 de março de 1826.

Não devia ser indifferente o coração de uma filha ao anathema que fulminára a memoria de sua mãe, ainda que, de se levantar esse anathema, lhe não proviesse melhoria de posição social. [1]

É certo que sollicitou e obteve a revogação do alvará de 2 de junho de 1803 por decreto de 8 de setembro de 1849.

Transcrevemos tambem esta peça, pela relação que tem com as já citadas.

« Tendo attenção ao que me foi representado por parte de D. Eugenia Maria de Menezes, que pretende a revogação do alvará de dois de junho de mil oitocentos e tres, para que, depois de rehabilitada a memoria de sua mãe, D. Eugenia José de Menezes, seja ella reintegrada nas honras e direitos de familia, de que pelo citado alvará fôra exautorada, e possam as mesmas honras e direitos ser transmittidos á supplicante e sua descendencia:

« Considerando, que o alvará de dois de junho de mil oitocentos e tres, impoz á mãe da supplicante uma pena de natureza grave e extraordinaria, sem que a condemnada fosse préviamente ouvida e convencida dos factos que se lhe arguiram:

« Considerando, que o referido alvará fez applicação de uma pena nova, e singularmente creada para um acto anterior a ella, contra os principios de justiça universal, e sem que nem ainda se mandasse observar no futuro aquella providencia como regra geral:

« Querendo eu, por estas razões, outorgar a possivel reparação, depois de ouvir o conselho de estado, e o conselho de ministros, em vista das respostas fiscaes:

« Hei por bem revogar o mencionado alvará de dois de junho de mil oitocentos e tres, para os effeitos que, segundo as leis d'estes reinos, forem devidos.

« Os ministros e secretarios de estado de todas as repartições assim o tenham entendido, e façam executar.

« Paço das necessidades, em oito de setembro de mil oitocentos quarenta e nove. — Rainha — Conde de Thomar — Felix Pereira de Magalhães. — Conde do Tojal — Antonio José d'Avila — Visconde de Castellões — Adriano Mauricio Guilherme Ferreri. » [2]

Parece que D. Eugenia Maria de Menezes Smith

[1] D. Eugenia Maria de Menezes casou com Guilherme Smith, consul geral da Grã-Bretanha, em Lisboa, que se diz descendente da casa real ingleza.

[2] *Diario do Governo, num. 214. Anno 1849.*

pretendêra provar a sua verdadeira filiação paterna.

Póde inferir-se esta pretenção do conteudo de um attestado que exigiu das religiosas do mosteiro de S. Bernardo de Portalegre.

Transcrevemol-o, tambem, como complemento final do nosso trabalho.

« Nós abaixo assignadas, religiosas do mosteiro de S. Bernardo da cidade de Portalegre:

« Attestâmos, que a illustrissima e excellentissima senhora Dona Eugenia Maria de Menezes Smith, e sua excellentissima mãe, a senhora Dona Eugenia José de Menezes, estiveram recolhidas n'este mosteiro, recebendo aquella por morte de sua excellentissima mãe, e esta, em quanto viveu, uma pensão annual, a qual nos constava lhes era dada por ordem de sua magestade el-rei o senhor Dom João sexto, de saudosa memoria.

« E por ser verdade o que affirmâmos, passâmos o presente, que assignâmos.

« Mosteiro de S. Bernardo de Portalegre vinte e sete de junho de mil oitocentos quarenta e oito. » [1]

(Seguem-se as assignaturas, e o reconhecimento).

F. A. RODRIGUES DE GUSMÃO.

OS OLHOS NEGROS

(Conclusão. Vid. pag. 379)

V

Decorreram quatro mezes.

Magno de Kimi está no seu dormitorio.

Vêde-o sentado, com os cotovelos apoiados na mesa, a fronte caída nas febricitantes mãos, fitos os olhos em dois objectos que parece gravar no mais recondito da alma, em vista da attenção com que os observa.

Aquelles dois objectos são uma carta e um retrato.

Representava o retrato um formoso e sympathico mancebo, apenas chegado aos vinte annos, vestido com luxuoso trajo norueguez, mas de physionomia notavelmente meridional: os cabellos, negros como ebano, molduram-lhe o rosto de moreno-mate e pallido como o dos albanezes; os olhos, ainda mais negros, brilham como azeviche brunido entre o branco azulado de um globulo limpido e sereno, que é velado por escuras e sedosas pestanas. Leve sombra de buço lhe esfuma o labio superior, graciosamente desenhado sob o nariz aquilino, que tambem recorda o typo caucasiano Era não menor o contraste que fazia este rosto com o do que o observava, e com o de quantas raças povoam todo o norte da Suecia, como o que poderia fazer um branco em Ethiopia, ou um malaio na melancolica Albion. Magno de Kimi via-o com odio e admiração ao mesmo tempo.

Em quanto á carta, dizia assim:

« Ao nobre Magno de Kimi, seu escravo Estanislau.

« Senhor: vinde, vinde a Christiania! Perdestes o amor... Salvae a honra! A nobre Fédera é-vos infiel. Ha poucos dias, depois da vossa partida, que apparece n'esta corte um moço estrangeiro, formoso como o anjo das trévas, que vos rouba o coração de vossa esposa. Olhares e suspiros, palavras e sorrisos, tudo revela a criminosa paixão dos dois traidores. Despediram-me de casa como um cão, mas como um cão fiel a seu dono. Vinde, vos digo... porventura será tempo!

« O algoz de vossa felicidade é italiano, grego, moiro ou judeu. Tem olhos negros como a noite, e

[1] Obtivemos copia authentica d'este documento do nosso rev. amigo Francisco de Azeredo Lobo d'Almeida Leme, director do mosteiro.

a cabelleira côr do corvo que dilacera os cadaveres. É nobre e poderoso... Podeis matal-o! Elle comprou dois castellos nas margens do Yo, e tem embarcações na ilha do Langoe. Chama-se Affonso de Haro. Vinde e contae com o braço de vosso escravo — *Estanislau*»

O que delatava esta carta seria exacto?

Muitas horas permaneceu Magno de Kimi contemplando aquelle retrato e aquella carta. Levantou-se por fim; olhou para um relogio que apontava as doze horas, e abrindo um livro que consistia em duas tabulas de marfim, traçou n'elle uma linha negra. Tinham passado vinte e quatro horas de noite: principiava outro dia de sombra. Magno contou as linhas do livro, e viu que faltavam ainda trinta e cinco dias para a saída do sol.

— Estamos, pois, a 22 de dezembro — disse. Em setenta dias verá a luz esse menino, e então saberei a verdade. No dia 20 de abril poder-me-hei fazer á vela. Se Fédera me foi infiel, vingar-me-hei de todos dentro do anno!

E sorrindo-se tristemente, correu as cortinas do leito e encostou-se.

VI

Dois mezes depois, Fédera de Kimi deu á luz um menino que tinha os *olhos negros*.

VII

Aos tres mezes de saír o sol, começou a primavera na ilha de Loppen.

Quebraram-se as cadeias de gelo que interceptavam a entrada do palacio, ligando-o ao mar. Voltaram as aves áquelle ceo. Seguiram seu curso arroios e ribeiros. Cresceram e medraram silvestres plantas na humedecida neve. Fugiu a lua para o hemispherio meridional.

Magno de Kimi apresentou-se diante de sua mulher.

— Vou matal-o — disse. Aqui ficará esperando. Sou misericordioso e deixo-lhe seu filho. Tornará a vêr-me no dia em que venha pronunciar sentença a respeito da sua futura sorte. Rogue a Deus para que me mate o que maculou a minha honra. Só assim poderiamos ser todos felizes. *Eu*, morrendo; *elle*, vindo em sua procura; e *ella*, abandonando estes rochedos em que a deixo sepultada viva. Bem vê que confio a nossa causa e submetto o nosso destino ao *juizo de Deus*, que tudo póde e tudo sabe. Adeus, mulher que tanto amei... Adeus... minha Fédera...

— Não haverá injustiça, tyrannia, e allucinação até, em seu procedimento, Magno?

— Não posso attendel-a, senhora...

E no dia seguinte, Magno, recusando-se obstinadamente a ouvir as explicações de sua mulher, fazia-se á vela para Langoe no *Thor*, bergatim baleeiro, e meio unico de communicação entre a ilha de Loppen e o resto do mundo.

Fédera, que havia muitos mezes não fallava nem suspirava — como se a opprimisse já o presentimento de grande infortunio e ainda maior injustiça — subiu ao mirante do palacio, e viu afastar-se a terrivel embarcação que levava o segredo do seu futuro.

Mas n'aquella embarcação ia-lhe, de certo, uma parte da sua vida.

VIII

Era a breve noite de 25 de abril. A aurora boreal abrasava com seu mysterioso incendio todo o horisonte. O frio gelava o sangue.

Na ilha de Langoe reinava o silencio dos tumulos.

Em uma das enseadas da costa jogava o *Thor*, o bergantim de Magno de Kimi.

No mais inhospito da costa levantam-se as ruinas de um monumento colossal [1], resto dos altares malditos em que os escandinavos davam a Odin [2] sanguinolento culto.

A esplendida e brilhante lua d'aquella região, onde o sol é tão pallido e melancolico, assomou pelo sueste a enamorada face, illuminando a ara druidica com seus poeticos resplandores. A sua claridade viram-se dois homens de compridas tunicas de arminho cingidas á cintura, um dos quaes estava sentado em um pinheiro destruido pelo gelo, e o outro apoiado ás ruinas do monumento secular: pareciam dois phantasmas, duas sombras das victimas immoladas n'aquellas penhas em honra dos deuses escandinavos.

O homem sentado era Affonso de Haro.

O que permanecia de pé, Magno de Kimi.

Cada qual tinha aos pés uma espada desembainhada.

Tinham fallado, e agora guardavam silencio.

O que se passára entre aquelles dois homens mal se descreveria. Fôra uma scena terrivel. Affonso, ainda que estivesse livre de culpa, não podia deixar de acceitar o duello. A desaffronta, em muitos casos, e n'aquelles principalmente, infelizmente, é inevitavel.

A difficil respiração de Magno e Affonso revelava a violencia com que tinham combatido.

Porém ambos permaneciam illesos; a lucta era egual; em tres horas de combate desesperado, nem um nem outro havia retrocedido sequer um passo.

Affonso levantou-se.

Um raio de lua illuminou-lhe o rosto sem côr; os olhos negros chammeavam-lhe furiosos.

— Experimentemos outra vez — disse.

— Vejamos com a mão esquerda — accrescentou Magno.

Pozeram-se em guarda, e começou por segunda vez um combate nunca visto. Os aços rangiam, silvavam e reluziam no ar como duas serpentes de prata, enroscadas no furor da peleja; o anhelito de ambos parecia o resfolgar de duas feras; os golpes succediam-se com presteza sobrenatural, porém sempre contra o ferro do adversario; mil faiscas dardejavam as espadas, como se cada uma d'ellas fosse um raio... Inutil batalha!... O combate não se decidia.

Ambos os gladiadores eram dignos da antiga Roma.

— Basta! gritaram ao mesmo tempo, e as espadas caíram-lhes em terra. Não podiam já sustental-as!

Quizeram lançar-se um contra o outro, e luctar braço a braço; mas os dois estavam tão cançados, que os joelhos dobraram-se-lhes assim que deixaram a guarda, e ambos rolaram no solo como duas massas insensiveis.

— Deus não permitta que morramos — balbuciou Affonso, arquejando como o leão moribundo.

— E, comtudo, não cabemos na terra — replicou Magno de Kimi com voz desfallecida.

— A minha vida pela vida da infeliz senhora, mas poupe-a ao castigo de uma culpa que não tem, juro-lhe — replicou o hespanhol.

— Aquella vida não é sua nem minha; está dependente da vontade do Todo Poderoso. Para que Fédera viva, é preciso que o senhor me mate.

— Nova affronta, e novo martyrio! Que deslumbramento... Pois bem; recomecemos o combate, e haja sangue para mitigar essa paixão! — gritou

[1] Chamam-lhe *dolmen*, ou, em celtico, *mesa de pedra*. É um monumento druidico, que se compõe de tres a quinze pedras, collocadas na terra verticalmente, e sobre as quaes assenta outra pedra de fórma quadrangular e plana como taboa; servia para sacrificios, e o povo dava-lhe epithetos supersticiosos, taes como: *mesa das fadas, do diabo, de Cesar, etc.*

[2] Odin, *Woden*, o *pae de todos*; é o primeiro dos deuses escandinavos, e as lendas do Norte attribuem-lhe maravilhoso poder.

Affonso, rangendo os dentes e retomando a espada para offerecel-a ao norueguez.

— Não... seria baldado — respondeu Magno. Resta-nos, porém, um meio.

— Qual?

— Principiar outra especie de duello.

— Dizei... Acceito-o desde já.

— O da tua raça contra a minha; o dos teus hespanhoes contra os meus escandinavos; o da tua escuna contra o meu bergantim... finalmente a guerra!

— Quando?

— Amanhã.

— Onde?

— Em frente do cabo de Kimia.

— Tens a minha palavra.

— Não faltarei.

Amanhecia.

IX

Descia o sol ao poente.

O *Thor*, bergantim tripulado pela gente de Magno Kimi, e o *Finisterra*, commandado por Affonso de Haro, estavam crivados de tiros de espingarda e artilheria, e vibravam aos gritos de «*á abordagem!*» «*á abordagem!*»

Os dois nobres viam-se cobertos de feridas.

O temporal mais desfeito juntava os seus horrores aos do combate... Era impossivel qualquer manobra. O vento, impellindo as embarcações para o sul, favorecia os combatentes em seu proposito de continuar a lucta braço a braço.

Chegava a noite, e a tormenta não cedia; os navios seguiam correndo como frechas disparadas.

Tocaram-se, por fim, os costados com espantoso fracasso.



Recife de Pernambuco

As tripulações subiram ás obras mortas, e principiou um horrivel morticinio.

Affonso de Haro saltou dentro do *Thor* de espada em punho.

Magno de Kimi procurava-o já a bordo do *Finisterra*.

Encontraram-se n'um instante.

A differente gravidade de suas feridas, e o jogo violento do navio, porventura, fariam agora decisiva a contenda.

Porém, de subito, ouviu-se um grito pavoroso, terrivel, sepulchral, que saia de cem bocas geladas de susto, e que chegou a estremecer os dois heroes.

— O *Maelstrom!*... [1]

Todos repetiram esta sinistra palavra; todos largaram as armas. Já não havia amigos nem inimigos.

[1] O *Maelstrom*, que quer dizer *corrente que devora*, é um pégo ou sorvedoiro perigoso do oceano Glacial arctico, na costa da Noruega, perto da ilha de Mosko.

Ouvia-se ao longe um fragor rouco e continuado, que dominava os trovões da tempestade.

— O *Maelstrom!* — repetiram as tripulações, querendo manobrar para metter ao norte a prôa dos navios.

Já era tarde.

— Que é o *Maelstrom?* — perguntou então um moço asturiano, que desconhecia aquelles mares, a um velho marinheiro que resava de joelhos.

— O *Maelstrom* — respondeu o ancião, é um sorvedoiro da terra, um redemoinho do mar, um turbilhão de vento, um abysmo, um tumulo aberto por Deus n'esta parte do Oceano. O *Maelstrom* é a bôa que nos olha, que nos fascina, que nos attrahe, que nos devora! É um monstro que nos arreganha os dentes; um inferno que nos mostra as fauces... Não o ouves rugir? Superfluas são as velas, desnecessario o leme, inuteis os remos... Ajoelha e ora como eu... porque o *Maelstrom* é a morte!

Disse e precipitou-se no mar.

Alguns imitaram-no.

Magno e Affonso encaravam-se em silencio.

Ás vezes dirigiam vistas de compaixão para a ilha de Loppen.

Má hora era aquella para lavar uma affronta!

O sorvedoiro bramia cada vez mais; o mar estava negro, polido, e sereno: parecia uma lamina de chumbo.

O vento amainára completamente: rodára para outro quadrante.

E, comtudo, os dois navios unidos de costado, andavam com espantosa velocidade: tão immensa é a attracção do inevitavel abysmo!

Ainda distavam d'elle cinco kilometros.

Os dois nobres, animados de subito e identico pensamento, estenderam-se as mãos; chegaram-se á amurada do *Finisterra*, e precipitaram-se no mar.

O resto das duas tripulações dava gritos e gemidos; chorava, resava ou jazia immovel, na coberta d'aquelle navio... Todos os marinheiros se haviam reunido para morrer.

Por ultimo, dois minutos depois, o *Thor* e o *Finisterra* despedaçaram-se um contra o outro, e os seus fragmentos, os corpos de sessenta homens, as suas orações, os seus gritos e blasphemias, tudo se afundiu para sempre n'aquella horrenda voragem, coroada de fervente espuma!..

X

Fédera viveu, não sabemos quanto mais tempo, na ilha de Loppen, encerrada n'aquelle sepulchro de gelo, esperando a volta de seu marido e uma sentença.

Devia de morrer breve, ralada por aquella solidão, por aquella incerteza, por aquella horrivel duvida de que não saiu nunca.

Seu filho, o menino de *olhos negros*, passou tambem a vida n'aquella prisão, sem que saibamos a época de sua morte.

Mais tarde, referiu-se na Christiania que a carta do escravo Estanislau, que viera fortalecer infundadas suspeitas no animo de Magno, fôra um acto de vingança do escravo contra Affonso.

Fédera estava innocente.

XI

Eis-aqui uma historia que ninguem póde contarnos, porque todos os seus personagens morreram sem testimunhas.

Como veiu ella ao nosso conhecimento?

É segredo.

RECIFE DE PERNAMBUCO

A oito graus do equinoccio se dilata
Pernambuco, provincia deliciosa;
A pingue caça, a pesca, a fruta grata,
A madeira entre as outras mais preciosa,
O prospecto que os olhos arrebata
Na verdura das arvores frondosa,
Faz que o erro se escuse, a meu aviso,
De crer que fôra um dia o paraizo.

DURÃO. — *O Caramurú*

Pernambuco é uma das dezoito provincias do opulentissimo imperio do Brasil, e o porto mais frequentado d'aquella potencia, depois do Rio de Janeiro e da Bahia.

A capital divide-se em duas grandes povoações— a cidade do Recife, e a cidade de Olinda, distantes entre si uns 6 kilometros.

O bairro do Recife fica na ponta sueste de uma peninsula arenosa, formada pelas embocaduras de dois rios, o Capibaribe, ao sul, e o Biberibe ao norte. Veiu-lhe o nome do recife de penedia que constitue o porto, e se estende ao longo de toda a costa do Brasil, desde a Bahia até ao cabo de S. Roque.

Na frente da cidade corre a formidavel cadeia de rochedos, parallela á praia, mas arredada uns 176 metros. Parece uma reforçada muralha, porém baixa, porque apenas sóbe coisa de 1^{m},90 a cima da marcação do baixa-mar. Este recife, que é perpendicular da banda de terra, e declina gradualmente para o mar, fica interrompido por uma abertura da extremidade septentrional da povoação. Esta é a entrada mais angusta do porto, que se divide em duas partes por um banco de areia; a meridional, que chamam porto do «Mosqueiro», é só para as embarcações que não demandam mais de uns 4 metros d'agua; a septentrional, que denominam entrada do «Poço», serve de ancoradoiro aos navios maiores, porém é muito exposta ás agitações do mar, particularmente nas marés altas ou cabeças d'agua. Da banda de dentro do recife é o mar muito manso, e os navios alli ficam bem abrigados.

N'este recife ha uma fortaleza, celebre pela tomada que d'elle fizeram os portuguezes e pernambucanos aos hollandezes do tempo dos Filippes de Castella. Estão as nossas historias cheias de narrações, verdadeiramente épicas, das façanhas obradas pelos pernambucanos capitaneados pelo portuguez João Fernandes Vieira, pelo indio Antonio Camarão, e pelo preto Henrique Dias, n'uma campanha de nove annos, em que elles, por uma serie pasmosa de heroicidades, conseguiram sacudir o jugo estrangeiro, e restituir á monarchia portugueza a mais rica e briosa das provincias da Nova Lusitania, como então chamavamos ao Brasil.

Para honra e brazão de Pernambuco, leiam-se as obras que vão citadas em nota no pé d'esta columna.

COCHINCHINA

(DESCOBERTA PELOS PORTUGUEZES)

(Vid. pag. 380)

O governo do reino de Cochinchina é em tudo monarchico. O rei é senhor de todas as terras, e dispõe de todas, quando e como quer. Não sómente os grandes não tem morgados, mas nem ainda as pessoas reaes. O soberano reparte todas as rendas de todo o reino conforme a qualidade de cada pessoa, acrescentando-as e diminuindo-as, segundo os maiores serviços que fizeram, ou descuidos que tiveram em cumprir com suas obrigações. Com isto tem el-rei toda a nobreza e fidalguia sempre dependente, e mui obsequiosa.

Fallecido o pae, arrecadam os filhos mais tres annos os mesmos salarios ou rendas, para fazerem as exequias e ceremonias costumadas ao pae defuncto; tambem lhes concede el-rei algum pequeno campo inutil para a sepultura, ao redor da qual plantam arvores sombrias e tristes para excitarem medo e melancolia. Acabados os tres annos do dó, ficam os filhos sómente com o soldo, conforme o grau que tem na milicia. Porém dão-se-lhes logo cargos superiores, se o pae tinha feito muitos serviços á coroa.

Estas rendas, que o rei reparte, não se tiram do que se compra e vende, nem tão pouco do que entra e sáe do reino, mas das pessoas, ficando isem-

Relação diaria do sitio e tomada da forte praça do Recife. Lisboa. 1654. 4.
O valoroso Lucidendo. Lisboa. 1668. fol.
Castrioto Lusitano. Entrepreza e restauração de Pernambuco etc. 1679. fol.
Portugal Restaurado. Lisboa. 1679. fol.
Chorographia Brasilica. 1817. fol.

ptos os nobres, os letrados graduados, os soldados, os estrangeiros moradores, e todas as mulheres. Começam os homens a pagar estas contribuições desde o anno dezoito até aos sessenta de sua idade. Por esta razão todos estão matriculados nos livros de suas aldêas, villas e cidades; pagam parte em arroz e parte em dinheiro, e tudo chegará a dez patacas, pouco mais ou menos. Os anciãos dos logares e bairros arrecadam dos outros, e levam tudo aos vereadores da fazenda real. Com o que fica todo o commercio livre para todos, sem alfandegas, e sem outras obrigações.

Vão contratar áquelle reino navios do Japão, da China, de Sião, de Malaca e de Goa. Os reis da Cochinchina tem por vezes offerecido á nação portugueza logar commodo para fazerem sua colonia, governando-a segundo seu costume europeu. Mas com muita prudencia se foram sempre escusando, pois indo cada anno com seus navios tem o lucro, e ficando de morada, tomariam sobre si muitas e mui pesadas obrigações.

Como a Cochinchina está agora em guerra com duas grandes potencias da Europa, bom será conhecermos a sua organisação militar, que segundo a invariabilidade d'aquella raça chim, é ainda a mesma que descrevem miudamente os missionarios portuguezes nas suas cartas annuaes, e em outros escriptos que passâmos a extractar.

Os soldados, que ordinariamente residem na corte, passam de trinta mil mosqueteiros, repartidos em companhias, cincoenta ou mais em cada uma. O rei sustenta a todos, dando-lhes arroz e dinheiro sufficiente para duas cabaias, ou roupões de seda, no principio do anno, e tambem para todo o necessario, conforme o cargo que cada um exercita. Todas estas companhias ficam alojadas d'uma e d'outra parte do rio que divide a corte pelo meio, tão largo como um tiro de peça; com esta disposição porém, que deixando um caminho real á borda do rio, a primeira casa é de vigia, onde de dia e de noite ha sentinellas; segue-se logo a casa do capitão, e depois no mesmo lanço pela terra dentro as de todos os soldados da sua companhia, os quaes alli moram com suas familias, e com bastantes commodidades; porque cada casa tem seu quintal com uma horta pequena; e para que cada um possa estar a seu gosto, e tambem para se evitarem as discordias tão frequentes entre a soldadesca, estas ruas, que são direitas, estão dispostas de maneira que n'um lanço ficam todas as portas de uma companhia, e no outro, defronte, correm as paredes exteriores dos quintaes e hortas da outra companhia.

O exercicio das armas é contínuo: todos os soldados devem assistir cada dia a seu capitão, o qual dentro de sua grande cerca tem alvo a que atiram os da sua companhia, com premio a quem o acerta, e pena a quem demasiadamente o erra. Os mosquetes alli os fazem, e bem reforçados, e cursam muito. Não usam de forquilha, nem encostam o mosquete ao hombro; mas pondo debaixo do sovaco o couce, que é mais comprido e mais arqueado que o nosso da Europa, e apertando-o com o braço, põem a mira, e fazem seu tiro sem molestia do hombro no recuar da arma. El-rei dá o mosquete, mas elles é que fazem o murrão de certas cascas d'arvores ou d'algodão. Para a polvora e pelouros reparte el-rei o chumbo e salitre, com o enxofre, a cada companhia, e cada uma tem sempre prestes os mais ingredientes, e todo o aviamento para os fazer; de maneira que em um dia podem fazer de novo infinitos pelouros, e milhares de arrobas de polvora com toda a facilidade. Porém aos fidalgos e nobres, que todos seguem a milicia, dá el-rei polvora e pelouro. Todos são obrigados algumas vezes no anno a atirar ao alvo em presença del-rei e de toda a corte, com seu premio aos bem adestrados, e castigo aos mal exercitados. Não ha muitos annos, que a um moço, grande fidalgo, que era mais philosopho que soldado, e para os livros mais que para as armas, por errar enormemente o tiro, lhe deu el-rei por castigo fosse com os frascos de polvora, como estava, até á praça bem distante, com um pagem de palacio, que indo atraz, dizia a todos:

«Eis-aqui este homem, que é fidalgo e soldado del-rei, e ainda não sabe atirar ao alvo.»

Com esta affronta lhe quiz el-rei accender os nobres espiritos que entre as folhas dos seus livros estavam apagados. Corre mais a nobreza com a artilheria, e tem por honra o officio de artilheiro; porque el-rei e os principes se deleitam muito de atirar ao alvo com ella; tem porém seus ajudantes para o meneio das peças.

Toda esta soldadesca se reparte em dois exercitos; um, e é a maior parte, por terra, e a pé, em que entra toda a nobreza, e tambem os letrados em apertos de guerra, os quaes tem seus cabos que os capitaniam, e trazem todos por armas, arco e settas: o outro por mar em galés, das quaes já fallámos. Não usam muito de cavallaria nas suas batalhas; não porque não haja muitos e bons cavallos, mas porque se servem dos elephantes, de que muito abundam aquelles mattos, assim como as nossas campinas da Europa de gado grosso. Ha creação d'elles em cerrados mui dilatados, e tambem os caçam, e vão amansando com fome e ás pancadas; depois acompanhando-os com os já mansos, os vão acostumando ao serviço da guerra. Mas para se saber quaes sejam os medrosos e quaes os animosos, faz el-rei esta experiencia.

São levados os elephantes novatos, com seus naires a cavallo no pescoço, para um campo, e postos tres ou quatro em fileira, sáem uns soldados com catanas nuas, e começam a esgrimir diante dos elephantes, que ficam parados. Dado o signal, correm os soldados, e picados os elephantes, correm após elles. Chegados os soldados a um certo termo, fogem para os lados, e se escondem; logo na carreira apparecem mais longe outras tantas estatuas de palha vestidas como os soldados que desappareceram. Continuam os elephantes a correr, para accommetterem aquellas figuras, e quando estão perto d'ellas, toda a mosquetaria dá carga cerrada. Os elephantes animosos não fazem caso do estrondo, e vão investir com as estatuas; os medrosos fogem logo por onde acham o caminho menos embaraçado; aquelles ficam approvados para a guerra, e estes se guardam para outros exames.

Posto que na peleja vão sobre os elephantes muitos soldados com mosquetes, e com outras armas, comtudo, o maior estrago fazem os mesmos elephantes com os dentes. Mas porque alguns lh'os trazem de nascença quasi encruzados, para os endireitar lhes fazem uma medicina liquida, com a qual untando-lh'os muitas vezes, os fazem tão molles, que os viram e torcem a seu gosto como se fossem dentes de cera, até ficarem ambos egualmente afastados um do outro, e as pontas eguaes, uma não mais alta que a outra. Em quanto pois não endurecem vão mettidas umas travéssas de pau entre dente e dente, para que se não afastem mais, nem se chegue um a outro. Verdade seja, que até não ficarem duros, não podem comer, ou seja pela dor, ou seja pelos dentes da boca lhes ficarem embotados.

Finalmente, a organisação da milicia cochinchina é admiravel, assim por morarem todos os soldados perto de seus capitães, como por estar sempre prestes todo o necessario para acudir logo a qualquer repente, tendo outros mandarins o cuidado de irem mandando mais provimentos, renovando sempre o

que fica inutil e damnificado. As galés, posto que estejam varadas em terra, ficam no estaleiro de maneira que, para as lançar ao rio, baste a força dos remeiros, e logo no mesmo logar ha todo o mais aviamento para sairem providas e armadas. Só chegam ao paço para tomarem a artilheria, a qual cavalgam e descavalgam com grande presteza e facilidade. O costume, pois, para se ajuntar todo o exercito é este. Dentro do paço real, que fica no meio de toda a soldadesca, ha tres peças de canhões; ao primeiro tiro, tomam todos as armas com o mais necessario, e acodem a casa de seus capitães; ao segundo, vão todos para o paço tomarem as ordens; e ao terceiro tiro marcham para onde são mandados.

Faltam agora as noticias da religião que estes naturaes tem, ou para melhor dizer, das patranhas que lhes ensinam os bonzos, que é a peor gente que ha na Cochinchina, porque vivem todos ociosos, e não poucos viciosos. Por esta razão, não sómente não são estimados, mas ainda desprezados e tidos por homens fracos, pois com o medo que tem da guerra, fogem, acolhendo-se aos templos dos idolos. Porém o rei manda de tempos em tempos seus visitadores geraes, para visitarem os conventos; e quantos moços acham, a todos despem o habito, e os levam para soldados [1]. Dos bonzos ha duas ordens, uma é dos *sai*. Estes tem cuidado dos templos, e fazem officio de capellães; consigna-se-lhes sua congrua e sustentação, ou em dinheiro, ou em terras, e vivem em suas casas, casados; trazem barba e cabello, e vestem da côr que querem. A outra ordem é dos penitentes chamados *thaytu*; não trazem barba nem ca-



Tamanduá ou formigueiro

bello, vestem de amarello, não comem carne nem peixe, nem coisa que teve sangue, nem matam coisa viva; sustentam-se de esmolas; não são casados, e moram em casas chegadas ao templo do idolo. Mas tudo isto não é bastante para os naturaes os terem por santos; porque os acham pouco mortificados, porque comem carne ás escondidas. Ha tambem freiras chamadas *vai*. Algumas vivem em suas casas com seus maridos, como as nossas terceiras; outras largando tudo, moram em casinhas dentro da cerca do templo do idolo; porém sem clausura, nem vigia, e por isso com menos decoro de sua honestidade.

(Continúa)

O TAMANDUA OU FORMIGUEIRO

Quando fallámos da terrivel praga das formigas que assolam os campos feracissimos do Brasil [1], dissemos que a Providencia tinha posto a par do mal o remedio, fazendo indigenas d'aquellas regiões varios animaes destruidores de tão nocivos insectos.

Do maior e principal d'esses animaes damos hoje a estampa. Chamam-lhe os americanos *tamanduá*, os portuguezes *formigueiro*, Linneu e os naturalistas *myrmecophago*, que tudo quer dizer *papa-formigas*.

Esta pequena familia é uma das mais interessantes da classe dos mamiferos; compõe-se de um só genero *(Myrmecophaga de Linneu)*, e não comprehende mais de tres especies bem positivas. Comtudo os zoologistas modernos tem creado tres generos, um para cada especie. São os que o principe Carlos Bonaparte denomina *Myrmecophagides*, todos oriundos da America.

[1] Vid. n. 35 e 37.

O que a nossa gravura representa é o grande tamanduá de cauda crinita, mui bem fornida de clinas asperas e longas. Quando anda tral-a de rojo, mas levanta-a logo que o irritam, ou quando se quer defender do sol ou da chuva, fazendo d'ella chapeo. Tambem lhe serve de coberta para dormir.

O grande tamanduá tem uns 88 centimetros de comprido, a cabeça muito longa, o pescoço curto, e o focinho estiradissimo, porque lhe serve de estojo á lingua, a qual tem mais de 60 centimetros de comprida, e se dobra na goela quando o animal a recolhe na bocca.

Com esta linguiça é que o tamanduá penetra nos formigueiros ou em qualquer outra morada de insectos. Como é muito viscosa, as formigas prendem-se a ella, e quando o tamanduá a sente bem carregada, recolhe-a repentinamente. Depois de os papar todos, volta a fazer outra enviscada, e assim se nutre, e dá cabo de muitos e muitos formigueiros.

Os individuos d'esta especie pesam ordinariamente 50 kilogrammas; correm menos, e são mais pesados que o porco. A carne é comestivel, e a gordura muito branca.

O formigueiro habita grande parte da America meridional, principalmente na Guyana, no Brasil e no Perú; é muito mais raro desde o Paraguay até ao rio da Prata. Vive solitario, e exclusivamente de formigas, pasto que o engorda muito. Passa grande parte da vida a dormir, no que se parece com muitos madraços da especie humana que sustenta o pão de Deus!

[1] É o que se devêra ter feito em Portugal aos frades mundanos e ignorantaços.